



Revista Historiar

ISSN: 2176-3267

Vol. 10 | Nº. 18 | Jan./Jun. de 2018

Ruan Levy Andrade Reis

*Mestre em História Social pela
Universidade de São Paulo -
USP.*

ruanlevyreis@gmail.com

"A QUEM ME COMPREENDER" – A produção poética feminina nas páginas da Imprensa Negra paulista (1915-1930)

RESUMO

O presente artigo tem como foco os poemas produzidos por mulheres negras e publicados nas páginas de jornais próprios da comunidade afropaulista, entre os anos de 1915-1930. Disputando espaço na Imprensa Negra com editores e jornalistas homens, intelectuais negros como Benedicta Prado, Josephina Toledo, Ignez do Amaral e Eponina da Silva, expressaram em sua poesia as angústias e os anseios individuais e coletivos das mulheres negras naquele período. Poesia esta que, em forma e conteúdo, se utilizou também dos periódicos negros para marcar sua posição no contexto da luta antirracista (e também feminista) na São Paulo das primeiras décadas do século XX.

Palavras-chave: Literatura Negra. Poesia Negra. Mulheres Negras. Imprensa Negra. Pós-Abolição.

ABSTRACT

This article focuses on the poems produced by black women and published on the pages of the Afropaulista community's own newspapers between 1915-1930. Struggling for space in the Black Press with male editors and journalists, black intellectuals like Benedicta Prado, Josephina Toledo, Ignez do Amaral and Eponina da Silva, expressed in their poetry the individual and collective anxieties and desires of the black women in that period. Poetry that, in form and content, also used the black newspapers to mark its position in the context of the antiracist (and also feminist) struggle in São Paulo of the first decades of the twentieth century.

Keywords: Black Literature. Black Poetry. Black Women. Black Press. Post-Abolition.

Introdução¹

“A poesia é a florescência radiosa e divina da espiritualidade”. Assim começa Amadeu Amaral a falar sobre esta forma literária tão cara aos intelectuais negros, como ele. Ao longo das primeiras décadas do século XX, diversos literatos negros paulistas, como Deocleciano Nascimento, José Correia Leite, Jayme de Aguiar e Lino Guedes, produziram textos com o intuito de atuar tanto na seara literária quanto política. Como palco privilegiado desta atuação temos a publicação dos jornais feitos por e para a comunidade negra, que se convencionou chamar de Imprensa Negra.

A literatura ocupava sempre espaço privilegiado nas publicações, justamente por ser para eles um meio de expressão e uma arena de disputa política. Deocleciano Nascimento, ao explicar “como reza o subtítulo deste jornalzinho”, o seu periódico *O Menelik* - diz que o jornal “É literário para mostrar ao mundo a sabedoria que ocultamente vagueia no cérebro da classe”. Dominar os preceitos estéticos e formais da literatura é “mostrar ao mundo” a aptidão e a capacidade intelectual do negro brasileiro, e assim a inadequação das ideias racistas que preconizam o contrário, vetando a eles oportunidades de ascensão social, trabalho e - no limite - igualdade². Assim, textos literários estavam presentes em quase todas as edições de todos os títulos³ destes periódicos negros. Podiam aparecer em qualquer uma das páginas, sempre merecendo um destaque especial. Os gêneros textuais variavam entre poesia⁴, onde grande parte dos intelectuais negros encontrou espaço de atuação, contos⁵, crônicas⁶ e prosa⁷. Além dessas seções era possível encontrar ainda espaços para divulgar textos ditos “femininos” – artigos sobre moda, comportamento e receitas culinárias – e artigos comentando e/ou noticiando eventos ligados aos negros nos Estados Unidos e na África.

¹ O presente artigo faz parte da pesquisa que resultou em dissertação de mestrado no programa de Pós-Graduação em História Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP).

² "Destino". *O Menelik*. São Paulo, 17 de outubro de 1915, p.1.

³ Exceções: *O Alfinete*. São Paulo, 9 de março de 1919 e 28 de setembro de 1921; *O Bandeirante*. São Paulo, setembro de 1918 e abril de 1919; *O Xauter*. São Paulo, 16 de maio de 1916.

⁴ GUEDES, Lino. “Carvão Nacional”. *O Patrocínio*. Piracicaba, 7 de setembro de 1928, p.1; RODRIGUES, Abílio. “O Olhar”. *O Kosmos*. São Paulo, novembro de 1922, p.3; AGUIAR, Jayme. “Versos de um velho”. *O Clarim*. São Paulo, 3 de fevereiro de 1924, p.2, dentre outros.

⁵ EUZÉBIO. “Cólera”. *O Alfinete*. São Paulo, 4 de janeiro de 1919, p.1.

⁶ FORASTEIRO. “De Ausculta e Binóculo”. *Getulino*. Campinas, 5 de agosto de 1923.

⁷ NAZARETH, José de. *A Boa Severina – Cenas do Cativo*. In: “Folhetim do Getulino ‘2’”. *Getulino*. Campinas, 12 de agosto de 1923, p.2.

Dentre os diversos gêneros literários presentes nos jornais, destacaremos a poesia. Ela, que é tida como “a mais fina e melindrosa expressão da vida intelectual”,⁸ assume nos jornais diversas facetas, variando nas formas e nos temas. Mesmo assim, é possível identificar alguns traços fundamentais e pontos de encontro entre a produção poética de intelectuais negros. A maioria destes intelectuais consegue convergir na sua trajetória apresentando uma produção literária e uma ativa militância no movimento negro daquele período, mostrando como a poesia adquire um tom combativo, contestatório, fundamental na luta em prol da “classe dos homens de cor”. Além disso, parecem seguir a indicação de Amadeu Amaral, de amar “com religioso fervor a vossa arte, a misteriosa, a augusta, a eretora e benfazeja poesia”.⁹

Em trabalho anterior (REIS, 2017) destacamos alguns sentidos possíveis da produção poética dos intelectuais negros presente na Imprensa Negra paulista. Esta reflexão, no entanto, foge ao escopo do presente artigo. Aqui, pretendemos avançar nas respostas decorrentes de um grande questionamento: E as poetizas?

Uma vez que percebemos a forte presença da produção poética dos homens negros nos jornais “dos homens de cor”, como muitos se intitulavam à época, nos seus poemas fica evidente a figura da mulher enquanto tema-objeto. Às vezes alvo de amores, correspondidos ou não. Em outras, a mulher é homenageada, não só enquanto amantes, mas como mãe, “ó divinal figura!//de todas as mulheres é a mais querida”¹⁰ e como filha, “pedindo a Deus, à ti que é mimosa, que te conserve puro o coração”.¹¹ Mas a mulher, nos poemas apresentados até agora, apareceu sempre como objeto. Como mãe de alguém, filha de alguém, esposa de alguém, objeto de desejo de alguém. E esse “alguém”, é bom reforçar, é sempre um homem.

Ora, onde estão as mulheres e sua subjetividade, entre estes poetas? Elas produziram poesias? Também consideraram os jornais e a literatura uma arena de disputa por direitos e um local de luta por questões próprias, da mulher negra nas primeiras décadas do século XX? E o mais importante, o que suas obras nos dizem

⁸ "A Poesia". *Getulino*. Campinas, 10 de agosto de 1924, p. 3.

⁹ "A Poesia". *Getulino*. Campinas, 10 de agosto de 1924, p. 3.

¹⁰ DOS SANTOS, Manoel Antônio. "Bendita sejas". *O Clarim d'Alvorada*. São Paulo, 4 de março de 1928, p.3.

¹¹ DOS SANTOS, Manoel Antônio. "Abigail". *O Clarim d'Alvorada*. São Paulo, 23 de agosto de 1930, p.2.

sobre estas questões, que muitas vezes aparecem apenas sub-repticiamente nos escritos dos intelectuais negros e na bibliografia especializada na Imprensa Negra? A produção das poetisas negras desse período compartilham questões com a dos homens, mas os poemas que apresentaremos ajudam a refletir sobre algumas especificidades decorrentes da experiência de vida e de luta da mulher negra, as congruências e discrepâncias de suas ideias.

História, literatura e intelectuais negros

A partir de meados do século XX, os textos literários são utilizados como fonte histórica de maneira crescente. Este fato pode se dar pela literatura, como afirma Nicolau Sevcenko, ser “a porção mais dúctil, o limite mais extremo do discurso, o espaço onde ele se expõe por inteiro”. Para ele, “essa é a razão por que ela aparece como um ângulo estratégico notável, para a avaliação das forças e dos níveis de tensão existentes no seio de uma determinada estrutura social” (SEVCENKO, 1999, p. 20), e seu estudo favorece a compreensão do contexto em que determinada obra foi produzida e lida. A percepção de Sevcenko sobre a potência da literatura como fonte é compartilhada por Sidney Chalhoub, cuja “releitura de Machado [de Assis], mediada por vários anos de pesquisa sobre a história social do Rio no século XIX” o fez encontrar “exposição detalhada das políticas de dominação social que buscava reconstruir a partir de outras fontes históricas” (CHALHOUB, 2003, p.9). Mas, se a literatura é uma fonte histórica importante, sua análise exige um cuidado metodológico especial. Sevcenko recomenda

que se preserve toda a riqueza estética e comunicativa do texto literário, cuidando igualmente para que a produção discursiva não perca o conjunto de significados condensados na sua dimensão social. Afinal, todo escritor possui uma espécie de liberdade condicional de criação, uma vez que seus temas, motivos, valores, normas ou revoltas são fornecidos ou sugeridos pela sua sociedade e seu tempo - e é destes que eles falam. (SEVCENKO, 1999, p.20)

É a partir destes referenciais que iremos tratar os textos poéticos de mulheres que publicaram na Imprensa Negra. Atentos à “riqueza estética e comunicativa”, mas preocupados especialmente com “o conjunto de significados condensados na sua dimensão social”. Se há algo que perpassa toda a produção escrita dos intelectuais negros e negras em São Paulo entre os anos 1915 e 1931,

é a literatura. Diversos periódicos se autodenominavam desde os cabeçalhos, “órgãos literários”¹² e, invariavelmente traziam em suas páginas - além dos artigos de opinião, notícias e propagandas - uma série de contos, crônicas, poemas e até romances. É de se admirar o tamanho do espaço que os textos literários recebem nestes jornais, caracterizados pela atuação antirracista de intelectuais negros e negras.

Neste artigo o termo “intelectuais” se refere ao grupo de publicistas negras e negros que se propunham a falar pelos negros em geral. Sentiam-se representantes de todo o grupo social, todo o “meio negro” na atividade de produção de ideias sobre, para e por ele.

Pensamos a noção de intelectual como profícua para os homens e mulheres que estão escrevendo nos jornais da imprensa negra paulista nos baseamos na definição de “intelectual orgânico”, como definido pelo filósofo italiano Antônio Gramsci. Para ele,

Cada grupo social, nascendo no terreno originário de uma função essencial no mundo da produção econômica, cria para si, ao mesmo tempo, de um modo orgânico, uma ou mais camadas de intelectuais que lhe dão homogeneidade e consciência da própria função, não apenas no campo econômico, mas também no social e no político. (GRAMSCI, 1982, p. 3)

Gramsci referia-se aos intelectuais orgânicos das classes dominantes e do seu papel no que chama de “hegemonia”. Para nós está claro que os afropaulistas de que tratamos não compuseram uma classe dominante. Feita esta ressalva, é caro perceber como os “intelectuais negros” estão imbricados com o “grupo social” ao qual são oriundos e representam, e como atuam na formação de uma “consciência da própria função” deste grupo, principalmente no campo “social e político”.

Esta consciência é trabalhada numa chave de questionamento, de combate. Os jornais, e os pensadores que os produziram, se organizam para combater os preconceitos e a sua condição enquanto minoria sociológica. Esta posição “contra-hegemônica” dos intelectuais é defendida por Edward Said, outro importante teórico deste tema (e de tantos outros). Convergindo para as ideias de

¹² *A Liberdade*. São Paulo, 14 de julho de 1919, p.1; *A Rua*. São Paulo, 24 de fevereiro de 1926, p.1; *O Patrocínio*. Piracicaba, 7 de abril de 1928, p.1; *O Clarim* (d'Alvorada). São Paulo, 6 de janeiro de 1924, p.1; para citar alguns exemplos.

Gramsci, Said considera que o intelectual “é dotado de uma vocação para representar, dar corpo e articular uma mensagem, um ponto de vista, uma atitude, filosofia ou opinião para (e também por) um grupo” (SAID, 2005, p. 25). Propõe, ainda, a figura do “intelectual exilado”. Exílio que “enquanto condição real pode também ser uma condição metafórica”, já que “mesmo os intelectuais que são membros vitalícios de uma sociedade podem, por assim dizer, ser divididos em conformados e inconformados”. Enquanto os conformados se posicionam numa sociedade e “crescem nela sem um sentimento esmagador de discordância ou incongruência”, ou seja, “os que sempre dizem ‘sim’, os inconformados estão “em conflito com a sua sociedade e, em consequência, inconformados e exilados no que se refere aos privilégios, ao poder e às honrarias” (p.60). Para o autor, este intelectual exilado, como representante de um grupo social exilado, pode “falar a verdade ao poder” (p.99), ou seja, questionar a ordem vigente.

As ideias teóricas sobre os intelectuais, tanto de Gramsci quanto de Said, convergem para a aplicação que a historiadora Paulina Alberto faz quando estuda o pensamento dos afro-brasileiros que publicam suas ideias na imprensa negra paulista. Para ela, os “intelectuais negros” formam

um grupo de homens e algumas mulheres de certo letramento e posição social que orgulhosamente reivindicaram sua herança racial ou cultural africana e que aspiraram representar outros brasileiros de cor em discussões nacionais sobre raça e identidade nacional desde o começo dos anos 1900. (ALBERTO, 2011, p. 3)

Ancorados nas reflexões destes autores, pensamos os jornalistas envolvidos com os projetos de imprensa negra em São Paulo, reconhecendo que a publicação de jornais é uma das várias formas possíveis de se engendrar uma atividade intelectual. Vale assinalar que foram vários os intelectuais negros que atuaram em outras searas, como na literatura, no teatro, na música, nas artes plásticas, nas associações e agremiações negras, na política e no esporte. A escolha pelos jornais nesta pesquisa é por eles se configurarem, no período que compreende as primeiras décadas do século XX, como aglutinadores, como principais porta-vozes do pensamento produzido por diversos intelectuais negros e negras paulistas.

Se os textos que falam sobre a literatura negra no Brasil já falam pouco sobre os poetas negros desse período, trazendo apenas referências ao Lino

Guedes, no que tange às poetas negras o que reina é o silenciamento. Em um esforço de contribuir com o preenchimento desta lacuna, apresentamos algumas das poesias produzidas por mulheres e publicadas nos jornais da Imprensa Negra entre 1915 e 1930.

Se em sua primeira edição, *O Menelik* fez questão de trazer dois poemas e dois contos do seu fundador e diretor Deocleciano Nascimento, também divulga o texto de Ignez do Amaral, intitulado “Versos de Pé Quebrado”. Tão bem recebido foi o poema de Amaral que Nascimento, falando pelo “Menelik, nomeia-a sua colaboradora efetiva”¹³. Vale ressaltar a interessante estrutura do poema, que propõe uma quebra da expectativa do leitor – neste caso nós - no último verso da quadra:

Versos de Pé Quebrado

Não há pau para tamanco
Como seja do tanueiro
Que põe sua raiz na estrada
Não deixa ninguém passar

Atirei um limão verde
No menino do portão
Louca fiquei por ele
Ele me chamou de louca.

Eu fui indo num caminho
Sant'Antônio me chamou
Mecê livre do pecado
Quando santo chama a gente

E não chupo mais cachaça,
Que a cachaça é pra remédio,
A cachaça faz-me por
Da sala para a cozinha

Tenho meu choro de saudade
Trancado lá na despensa
Se hei de morrer de amores
Não hei de morrer de fome.

Minha laranjeira doce
Carregada de formiga,
Quem por amores se mata

¹³ "Caixa-Balaio". *O Menelik*. São Paulo, 17 de outubro de 1915, p.3.

Forte asneira.¹⁴

Em comparação com os poemas que apresentamos até aqui, "Versos de Pé Quebrado" apresenta uma liberdade maior quanto à rima, por exemplo, ficando mais perto das ideias dos movimentos literários de meados do século XX do que com os do XIX. A quebra da expectativa nos quartos versos da estrofe, é não só da rima quanto do sentido. Vejamos: "louca fiquei por ele / ele me chamou de louca" e "Se hei de morrer de amores / não hei de morrer de fome" são versos que permitem perceber a presença da quebra de expectativa quanto à intenção do eu lírico, expondo um "romantismo" quase "pueril", evocando imagens e símbolos da natureza e da religião, mas que se chocam posteriormente com um tom realista, sintetizando em "Quem por amores se mata / forte asneira". Desta forma, o poema atesta tanto o domínio da forma quanto a criatividade e originalidade da autora Ignez do Amaral.

Pouco menos de 4 anos após a publicação de "Versos de Pé Quebrado" no *Menelik*, outra poeta ocupa espaço na primeira página do jornal *A Liberdade*. É Eponina da Silva quem se apropria da forma corrente do soneto para expor os sentimentos da sua "Alma Morta":

Estava a Morte ali, em pé, diante,
Sim, deante de mim, como serpente
Que dormisse na estrada, e de repente
Se erguesse sob os pés do caminhante

II

Era de ver a fúnebre bacante!
Que torvo olhar! que gesto de demente!
E eu disse-lhe: Que buscas, impudente
Loba faminta, pelo mundo errante?

III

- Não temas, respondeu (e uma ironia
Sinistramente estranha, atroz e calma,
Lhe torceu cruelmente a boca fria)

IV

Eu não busco teu corpo...Era um troféu
Glorioso demais. Busco a tua alma

¹⁴ AMARAL, Ignez do. "Versos de Pé Quebrado". *O Menelik*. São Paulo, 17 de outubro de 1915, p.4.

Respondi-lhe: minha alma já morreu¹⁵.

Mais uma vez é perceptível o domínio da forma por parte de poetas que publicaram nestes periódicos negros. Se os sonetos são a expressão favorita desse domínio por parte dos poetas, as poetas negras também dele se apropriaram, com o mesmo intuito. Porém aqui, esta expressão ganha contornos mais delicados, como demonstração de capacidade intelectual não só dos descendentes de africanos na diáspora frente ao branco, mas das mulheres frente aos homens - e das negras frente aos negros. Nos jornais, poucas são as mulheres que conseguem escrever artigos discutindo as mesmas questões que os homens. Em nenhuma dessas publicações, por exemplo, há mulheres no seu corpo editorial. O que faz com que o espaço da poesia se torne ainda mais precioso para a expressão da intelectual negra destas primeiras três décadas do XX e sua análise nos coloca mais próximo, para ouvir melhor a voz da mulher negra desse período.

Outras poetas também se valeram da forma do soneto para se expressar. É o caso, por exemplo, da poeta Virgínia Victorino. Sua poesia fala da força das “Palavras”, e da potência de expressão que elas encerram.

Palavras

Seja alegria, seja mágoa, ciúme,
Pena de amor, ou grito de revolta,
Tudo a palavra humana em si resume,
Tudo arrasta, suspenso, a sua volta!

Palavras! Céu e Inferno! Cinza e lume!
Mistério que a nossa alma traz envolta!
Umas, consolação! outras, queixume...
- Todas correndo como o vento à solta!

Tudo as palavras dizem. A verdade,
A mentira, a doçura, a crueldade...
Mas, afinal o que perturba e espanta,

É o drama das que nunca foram ditas,
Das palavras pequenas e infinitas
Que morrem sufocadas na garganta!¹⁶

¹⁵ SILVA, Eponina da. "Alma Morta". *A Liberdade*. São Paulo, 14 de julho de 1919.

¹⁶ VICTORINO, Virgínia. "Palavras". *O Clarim d'Alvorada*. São Paulo, 3 de junho de 1928, p.3.

Este poema pode ser lido como um lamento, uma tristeza pelas palavras que “nunca foram ditas”. Talvez por desilusão, por medo ou por resignação. Mas estes versos soam, pensando nas experiências dessas mulheres, como um grito contra o silenciamento. Contra uma realidade, que seja por questões de gênero, raça ou classe (ou todas juntas), insistia em querer fazer com que as suas palavras morressem “*sufoadas na garganta*”.

Ainda utilizando a forma do soneto para expor suas “palavras” temos a obra da poetisa que se autodenomina Dirce. Em *O Clarim d'Alvorada* publicado entre outros dois outros sonetos de poetisas negras surge “O Mal da Vida”:

Amor, pois é a esplêndida loucura
E a miséria de um sol, que nos invade?
Caiu alguém aos pés da formosura,
Que não lhe deixe aos pés, razão, vontade

Este delírio vem da eternidade,
Vem de mais longe; eu sei: - quem o procura
Acha-o mais velho do que Deus; quem há de
Fugir da vida triste, por ventura?

E o amor é o mal que acaba em paraíso;
E para dar-nos céus num só lampejo,
Basta-lhe um pouco; um nada é-lhe preciso;

De sonhos de ouro e luz calça o desejo
E então de dia, em rosa abre o seu riso,
E em ampla estrela, à noite, abre o seu beijo¹⁷

O amor aparece mais uma vez como tema das poesias publicadas na imprensa negra. Contudo, enquanto o amor em geral é revestido de conotações positivas nas produções dos poetas negros, as poetisas compartilham uma visão menos otimista. Dirce chama o amor de “o mal da vida”. É o mal, pois é “delírio”, é “loucura”, mesmo que “esplêndida”. “É o mal que acaba em paraíso”, ou seja, mesmo que dê “céus num só lampejo”, que traga sentimentos elevados de prazer, experienciar o amor e os “sonhos de ouro e luz que calça o desejo” não é plenamente permitido às mulheres, que não podem se dar ao “desfrute” destes “sonhos de ouro e luz”.

¹⁷ DIRCE. "O mal da vida". *O Clarim d'Alvorada*. São Paulo, 7 de dezembro de 1924, p.3.

A poeta Maria de Lourdes de Souza, no *Clarim d'Alvorada*, expressa algumas dessas frustrações em uma frase, na coluna "Pensamentos": "É mais fácil encontrar-se uma pérola perdida nas profundezas do oceano, que um verdadeiro amor no coração dos homens".

Não só o amor lânguido e permeado de negativas é tema das poesias das poetisas em questão. Encontramos nos jornais outros textos que trazem o mesmo tom sofrido e melancólico, mas com outros temas como objeto. Na mesma edição d'O *Clarim* Maria de Lourdes Souza publica seu "pensamento" e traz lembranças ruins em seu poema "Visão":

Há momentos na vida, horríveis, tenebrosos
Em que as trevas da dor a noite de tristeza
Arrebatam minha alma a uns mundos misteriosos
Onde é muda, sombria e triste a natureza.

Através do cenário imenso e sem beleza
Desse teatro sem luz, uns vultos silenciosos
Passam graves...Na frente esquelética pobreza
Segue baixando humilde os olhos lacrimosos

E vem, após sinistra, e lentamente ainda
A ingratidão de olhar cruel e desdenhoso...
Mais o espectro da dor, mas dessa dor infanda

Que nunca mais consegue o tempo exterminar
Eu contemplo a tremer o quadro pavoroso
Da visão que a minha alma eu sinto torturar.¹⁸

Como em outros poemas, a forma do soneto é empregada para dar vazão às "torturas" que a alma da poeta sofre. No mesmo *Clarim*, Adalgisa Correa Lobo também escreve sobre o passado, mas não faz uso do soneto. De forma triste pela saudade mostra uma alma que sofre pela saudade vivida:

Saudade...Saudade

Desta janela à vastidão do espaço
eu contemplo a azulada esfera
absorto e as lágrimas caindo no regaço,

Relembro o passado e o seu véu já se levanta,

¹⁸ SOUZA, Maria de Lourdes. "Visão". *O Clarim d'Alvorada*. São Paulo, 27 de dezembro de 1925, p.2.

É raio d'ouro que passa,
E a saudade erguendo das brumas do passado
acinzentada manta
Que evapora e lentamente esgaça!

E tudo ouço, revejo com saudade n'alma,
Tudo! mesmo até
os lábios a sorrir deixando ver
uma linha de pérolas de Talma,
e o ligeiro roçar de um pé
Olhos rasgados a brilhar, brilhar

como estrela luminosa,
os sonhos, beijos e perfumes;
o aperto febril da rósea mão selinosa,
gemidos, ânsias e queixumes.

Mas, na vida tudo que exalta
e brilha também passa:
um instante, um momento
como o cair da folha,
da pétala o crestar, um floco de fumaça
desfeito pelo vento¹⁹

Neste interessante poema de Adalgisa Lobo percebemos uma liberdade maior no que tange aos versos, suas rimas e métricas quando comparados com os sonetos e quadras que formam a maior parte dos poemas aqui expostos. Assim como nos "*Versos de Pé Quebrado*" de Ignez do Amaral, a forma do poema de Lobo se aproxima mais de uma tendência modernista, cujo marco foi a Semana de Arte Moderna de 1922, cinco anos mais tarde. Assim como "*Mário de Andrade, Manuel Bandeira e Oswald de Andrade haviam rompido com os códigos acadêmicos e incorporando à nossa lírica as formas livres*" (BOSI, 2015, p. 467), Adalgisa Lobo também se mostra atenta aos movimentos e discussões da arte literária do seu tempo. Se por um lado, não utiliza aqui a estratégia corrente do uso do soneto para afirmar sua competência literária e intelectual, não deixa de fazê-lo de outra forma.

Também sem utilizar o soneto, mas não tão "modernista" quanto Adalgisa Lobo, Julieta Teixeira traz como tema do seu poema "*A cruz da estrada*" a religião. Tema muito caro aos intelectuais negros em São Paulo, como vimos, por exemplo,

¹⁹ LOBO, Adalgisa Correa. "Saudade...Saudade". *O Clarim d'Alvorada*. São Paulo, 15 de janeiro de 1927, p. 3.

no romance *A Boa Severina*, surge também como mote literário da produção poética de Teixeira. Assim, podemos perceber mais uma vez como a produção intelectual destes homens e mulheres, negros e negras, está inter-relacionada. Vejamos:

A cruz da estrada

Ó cruz da estrada, espelho do tormento
Porque tu gemes, quando morre o dia?...
Eu ouço sempre a tarde o teu lamento,
Que vem acabrunhar minha alegria...

Sempre que eu passo pensativa e só,
Vejo-te ao longe ó minha pobre cruz!...
Abandonada, coberta de pó,
Modesto leito em que expirou Jesus

E assim modesta, carpindo a saudade
Sempre guardando um silêncio profundo
Eu vejo nos teus braços a expiação,
Onde reflete as misérias do mundo!...²⁰

Assim como "*Saudade...Saudade*", "A cruz da estrada" não foi escrito por Teixeira na forma do soneto. Diferente de Lobo, ela não se aproxima mais de uma tendência modernista de produção literária, mas sim da simbolista. As quatro quadras com versos decassílabos apontam o cuidado que a autora tem com a forma. Quanto ao tema, a poeta não descreve "a cruz", mas sim conversa com ela. Deixando de ser objeto para ser símbolo, "*categoria fundante da fala humana*" que assume no simbolismo "*a função-chave de vincular as partes ao Todo universal*" (BOSI, 2015, p. 279), a cruz "assim modesta, carpindo a saudade", "reflete as misérias do mundo". Muitas vezes trazendo referências oníricas e metafísicas, usando símbolos da religião, a corrente simbolista tem como expoente máximo no Brasil, o tão bem quisto pelos intelectuais negros, Cruz e Souza. Neste sentido é possível apontar uma inspiração, ou ao menos uma aproximação, do poema de Julieta Teixeira com o simbolismo.

A poeta de que mais encontramos textos publicados na Imprensa Negra foi Benedicta Prado. Seus três poemas, lançados em números diferentes do periódico

²⁰ TEIXEIRA, Julieta. "A cruz da estrada". *O Clarim d'Alvorada*. São Paulo, 7 de dezembro de 1924, p.1.

piracicabano *O Patrocínio*, trazem tons melancólicos, como mostra o soneto "*Estranhas Lágrimas*".

Lágrimas...Noutras épocas verti-as
Não tinha o olhar enxuto como agora,
Alma, dizia então comigo, chora
Que o pranto diminui as agonias.

Ah! Quantas vezes, pelas faces frias
Por mal do meu amor que se ia embora,
Gota a gota rolando, elas outrora
Marcaram noites e marcaram dias!

Vinham do oceano d'alma imenso e fundo,
Ondas de angústia em suspiroso arranco,
Numa desesperança acerba e louca...

Nos olhos hoje as lágrimas estanco
Mas, rolam todas sem que as vejam o mundo
Sob a forma de risos pela boca!²¹

Este soneto fala sobre a resignação. Sofria, com "risos pela boca", a poeta? Quantas mulheres negras, nesta dupla condição desprivilegiada, não sofreram e tiveram que encontrar saídas para esta situação? A resignação é uma delas. O poema de Benedicta Prado aponta como os reflexos de uma circunstância são sentidos refletindo sobre a circunstância histórica em que está inserida. Outro soneto de sua autoria publicado 6 meses depois, parece um desdobrar desta resignação. É sugestivo, desde o seu título.

Silêncio

Silêncio - voz do amor, voz da alma, voz das coisas
suave senhor dos céus, dos claustros e das grutas,
quebra-te o encanto o vôo em trêmulas volutas,
do bando singular das lentas mariposas...

Silêncio - alma da dor de pálpebras enxutas,
reino branco da paz, dos lírios e das lousas...
Quando me calo és tu, só tu Silêncio que ousas
falar-me, e quando falo és tu, só que me escutas!

Irmão gêmeo da morte, ó mística linguagem

²¹ PRADO, Benedicta. "Estranhas Lágrimas". *O Patrocínio*. Piracicaba, 28 de setembro de 1929, p.3.

com que se fala a Deus! Meu coração selvagem
segreda-te a impressão que a flor d'alma resvala...

E tu lhes fazes, mudo a confiança triste
Que te faz a mudez de tudo quanto existe,
porque és, Silêncio, a voz de tudo o que não fala!²²

O eu-lírico destes dois poemas de Prado aparenta estar no mesmo estado de resignação. Se não mais verte lágrimas, lembrando de quando "*Não tinha o olhar enxuto como agora*", põe-se em silêncio, que é "*a alma da dor das pálpebras enxutas*". Estes sonetos coadunam com outro escrito da autora situado temporalmente entre "*Estranhas Lágrimas*" e "*Silêncio*". Trata-se de um cativante pequeno poema chamado "*Solidão*":

E chove...Uma goteira, fora,
como alguém que canta de mágoa,
canta, monótona e sonora,
a balada do pingo d'água.

Chovia quando tu foste embora...²³

Este talvez seja o poema que mais destoa da produção poética encontrada na Imprensa Negra de São Paulo, tanto de homens quanto de mulheres. Sua estrutura se aparta do soneto e se conecta mais diretamente com a produção modernista pós-1922, apesar de respeitar métrica (versos octossílabos) e rimas (cruzadas). Conta apenas com 5 versos, sendo o quinto separado da estrofe dos outros quatro, que se assemelha ao "fecho de ouro" dos sonetos, pois encaminha alguma interpretação. Apesar disso, sua leitura é mais ampla do que os sonetos em geral possibilitam, e a imagem que ele cria é bastante forte, com teor bastante melancólico.

Plataformas onde se lançam sentimentos

Não só ele, como os três poemas de Benedicta Prado trazem este teor melancólico, triste. Poder-se-ia imaginar que a autora estivesse atravessando dificuldades ou que a sua marca poética fosse mesmo trabalhar com seus

²² PRADO, Benedicta. "Silêncio". *O Patrocínio*. Piracicaba, 23 de março de 1930, p.2.

²³ PRADO, Benedicta. "Solidão". *O Patrocínio*. Piracicaba, 20 de outubro de 1929, p.1.

sentimentos, individualizando a análise. É uma possibilidade, mas pensamos que a questão é mais complexa. Afinal todas as poesias aqui arroladas trazem, umas mais outras menos, um teor triste, melancólico. Mera coincidência? Seriam todas as poetisas negras apenas pessoas tristes? Para nós, a análise da obra destas autoras aponta como as condições de existência das mulheres negras deste período estão permeadas por dificuldades, envolvendo questões de raça, gênero e classe.

Em primeiro lugar, a solidão e o abandono são queixas recorrentes nos escritos. Ou se está chorando com saudades de alguém que se foi ou as nem lágrimas secaram. O silenciamento também aparece com força em Benedicta Prado e Virgínia Victorino. Os dissabores do amor, em Ignez do Amaral e Dirce. A resignação, em Eponina da Silva e Benedicta Prado. Todas essas questões se ligam de alguma forma ao machismo. É a ação de/ homens, amparados por uma ideologia, que silencia, abandona, desagrada e entristece.

Outra faceta do machismo reside no fato dos homens a quem é tudo permitido, não raro, só aceitarem em seus jornais as contribuições femininas sobre o que consideram preconceituosamente "coisas de mulher" como culinária, serviços domésticos e religião.

É importante perceber como os temas relacionados ao amor, presentes dos poemas das autoras em questão dialogam com a realidade social das mulheres negras. Bell Hooks (2000) e Franz Fanon (2008), por exemplo, escreveram assertivas em torno das relações amorosas envolvendo raça e gênero, fora do Brasil, não obstante dentro do circuito do Atlântico Negro. Ambos mostram como a experiência da escravidão e do racismo nas sociedades pós-abolição interferem sobremaneira na forma como negras e negros vivenciam suas emoções e relações afetivas. Se não é possível afirmar que o caso dos Estados Unidos e das Antilhas sob o jugo colonial francês é idêntico ao do Brasil na época, a partilha das vivências da diáspora e da escravidão aproxima estes espaços permitindo estabelecer paralelos.

Em "Vivendo de Amor", Hooks aponta como a crueldade do regime escravocrata impôs seus próprios termos sobre as relações amorosas, o que "não deveria nos surpreender, já que nossos ancestrais testemunharam seus filhos sendo vendidos; seus amantes, companheiros, amigos apanhando sem razão". Esta assertiva, no entanto, não implica dizer que não houve relações amorosas

entre as pessoas que vivenciavam as agruras da escravidão, mas sim que estas circunstâncias moldaram a forma como estes indivíduos se relacionaram afetivamente, tanto durante quanto após o regime escravista. A autora defende, inclusive, que para os descendentes da diáspora africana nas Américas, amar é um ato de resistência:

Numa sociedade onde prevalece a supremacia dos brancos, a vida dos negros é permeada por questões políticas que explicam a interiorização do racismo e de um sentimento de inferioridade. Esses sistemas de dominação são mais eficazes quando alteram nossa habilidade de querer e amar. Nós negros temos sido profundamente feridos, como a gente diz, "feridos até o coração", e essa ferida emocional que carregamos afeta nossa capacidade de sentir e conseqüentemente, de amar. Somos um povo ferido. Feridos naquele lugar que poderia conhecer o amor, que estaria amando. A vontade de amar tem representado um ato de resistência para os Afro-Americanos (HOOKS, 2000, p.188).

As feridas às quais Bell Hooks se refere são fundamentais para as análises comportamentais que Franz Fanon descreve, quando cita os relacionamentos de mulheres negras com homens brancos, e homens negros com mulheres brancas, nas Antilhas Francesas de meados do século XX. Essas "feridas emocionais" teriam incutido em negros e negras uma referência de si pautada pela inferioridade, identificando no branco os signos de superioridade. Neste contexto, Fanon identifica certa compreensão que, "do negro ao branco, tal é a linha de mutação. Ser branco é como ser rico, como ser bonito, como ser inteligente". (FANON, 2008, p.60). Deste modo, seria preferível para os negros e negras estabelecerem laços afetivos com parceiros brancos²⁴.

Mesmo não tendo encontrado nos poemas traços que apontem para um "sentimento de inferioridade", nos termos de Fanon, os temas amorosos, sempre carregados de insucessos dos mais variados tipos, mostram como amar e relacionar-se era, para estas poetisas negras, tanto uma questão primordial, quanto um ato de resistência. Não à toa, o desabafo de Maria de Lourdes Souza, sobre a inexistência do amor no "coração dos homens".

Nos poemas fala-se do sentimento de solidão, por exemplo. A partir dos anos 1990, o tema da solidão da mulher negra vem sendo cada vez mais debatido

²⁴ Esta afirmação não implica que haja entre os negros desse período um "complexo de inferioridade", cuja ideia discutimos no capítulo II. Ela se refere especificamente a questões em torno de relações amorosas, e não a um sentimento tanto pessoal quanto coletivo de inferioridade.

nos círculos da militância feminina negra, como um problema premente. Permeada pelas correlações de forças colocadas em uma sociedade como a brasileira organizada por privilégios de raça, classe, gênero - entre outros - as questões em torno desta solidão são cada vez maiores. Foi pensando nisto que Ana Cláudia Pacheco dedicou sua pesquisa de doutoramento. Entrevistando 25 mulheres negras, entre ativistas e não-ativistas, residentes na capital baiana, a antropóloga percebeu algumas permanências no testemunho delas. Com a média de idade de 30 a 40 anos, estas 25 mulheres não tinham nesse momento nenhum relacionamento estável, sendo que a maioria não chegou a ter um ao longo da sua trajetória.

O estereótipo cristalizado que encarna o erotismo, o corpo e a imagem da mulher negra é, por exemplo, algo que transparece como um forte preconceito presente no imaginário da sociedade brasileira que muitas vezes é vivido pela mulher negra como um fardo. Desde os escritos de Gilberto Freyre²⁵ e de outros estudiosos que associaram lascívia e sensualidade à mulher negra, escravizada ou não, o senso comum perpetua esta imagem. Talvez o grande símbolo dessa erotização seja a figura da “mulata”. Cito Lélia Gonzalez quando mostra como há um predomínio da visão da sociedade sobre a mulher negra: “doméstica e mulata”, sendo a mulata “uma das mais recentes criações do sistema hegemônico no sentido de um tipo especial de ‘mercado de trabalho’”, um “produto de exportação” (GONZALEZ apud PACHECO, 2013, p.24). Arrematando estas ideias, Bell Hooks afirma, para o contexto estadunidense, mas analogamente válido também para o Brasil:

Mais que qualquer grupo de mulheres nesta sociedade, as negras têm sido consideradas ‘só corpo, sem mente’. a utilização de corpos femininos negros na escravidão como incubadoras para a geração de outros escravos era a exemplificação prática da ideia de que as ‘mulheres desregradas’ deviam ser controladas. Para justificar a exploração masculina branca e o estupro das negras durante a escravidão, a cultura branca teve que produzir uma iconografia de corpos de negras que insistia em representá-las como altamente dotadas de sexo, a perfeita encarnação de um erotismo primitivo e desenfreado. (HOOKS apud PACHECO, 2013, p.23)

²⁵ Cf. FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala*. 25ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1987, pp. 283-480.

A presença da ideia de que “a mulher branca é para casar”, em detrimento da mulher negra, é muito forte nos testemunhos realizados por Ana Cláudia Pacheco. Desta forma, se houver uma predileção dos homens negros pelos casamentos com mulheres brancas é compreensível que uma parcela de mulheres negras, a partir de determinada faixa etária, não esteja em uma relação afetiva de tipo estável. Isto acontece quando o homem negro, na sua condição racial, desenvolve uma “predileção” pelas relações estáveis com mulheres brancas, seja pelas questões apontadas, seja pelo *status* que uma relação deste tipo te garante de capital simbólico, como aponta FANON. É o que vem à tona no discurso das “mulheres ativistas”, como Pacheco as denomina. Elas afirmam que há a “preferência afetivo-sexual dos homens negros ativistas e não ativistas por mulheres brancas”, como transparece em um dos depoimentos por ela colhidos: “Eles querem uma mulher para ostentar, uma mulher sem barriga, magra, com traços brancos, os cabelos lisos nas costas” (PACHECO, 2013, p.266).

Mas se a relação for entre uma mulher negra e um homem branco outras duas problemáticas são levantadas pela autora. Primeiramente, em decorrência do preconceito em torno da mulher negra haveria uma “pressão social” que indicaria a mulher como “aproveitadora”. Esta “pressão” foi apontada por Winnie, uma de suas entrevistadas, que afirmou sentir “um desconforto social” quando estava em um relacionamento com um homem branco, “como se estivesse confirmando os estereótipos negativamente construídos acerca da negra prostituta “que quer se dá bem com o gringo”(PACHECO, 2013, p.238).

O outro problema é uma forma menos rebuscada do racismo, é o ódio direto à cor da mulher e o que isso ocasiona de “pressão social”. Acotirene, outra das mulheres entrevistadas por Pacheco lembra da sua relação com o namorado, que veio a ser seu marido e era “branco, branco mesmo”. Ela relata que “seu namorado não era preconceituoso porque ele sempre gostou de namorar meninas escurinhas”, mas a sua sogra era, e “não a aceitava na família: ‘ela dizia na minha cara, negra! Me xingava toda’”. Mesmo tendo conseguido casar com seu então namorado, e só “porque sua sogra já havia falecido na época”, a família do seu ex-marido rejeita ela e os dois filhos que teve com ele, por serem negros: “eles não aceitam negros na família” (PACHECO, 2013, p.204).

Mesmo que a pesquisa de Pacheco não verse sobre as três primeiras décadas do século XX, recorrer à pesquisa de Ana Cláudia Pacheco é salutar para

o nosso trabalho por permitir perceber como a trajetória de vida de alguns indivíduos se relaciona dialeticamente com as circunstâncias nas quais estão inseridos. Ser mulher negra no Brasil interfere diretamente na forma como as entrevistadas de Pacheco experienciam suas emoções, suas relações interpessoais, sua vida. Por meio da analogia, este trabalho nos ajuda a manter a atenção para este aspecto, quando tratamos das poetisas negras.

Considerações finais

Talvez o poema que mais sintetiza a produção dessas autoras negras é "A quem me compreender", de Josephina Toledo. É, inclusive, o único poema que é voltado para as mulheres enquanto coletividade. Toledo parte de uma experiência aparentemente pessoal, mas o individual é apenas ponto de partida para acentuar o coletivo:

A quem me compreender

Maldito seja o homem da terra
Que não tem pena de quem ama!
Que esse pereça numa dura guerra
Em bosque estéril e sem grama!

Mordendo o solo hirto de braços
Que ninguém ouça o seu lamento
Que ninguém leve dos seus soluços
O derradeiro sacramento.

Que na aspereza desse leito
Sobre essa terra humilde e fria
Coaxe o sapo no seu peito
Para ajudar sua agonia

Que a vida aos poucos se lhe esgote
E os olhos vorazes ao seu lado
De um corvo, seja o sacerdote
Para ouvir o seu pecado.

Que após a morte, seus destroços
Não sejam vistos pela gente
E que apodreça os seus ossos
Sobre a rodinha da serpente.

Que o fogo fátuo que ele encerra

Lhe negue mesmo a última chama!
Maldito seja o homem da terra
Que não tem pena de quem ama!

Este poema de tom fortemente indignado comunica-se com a mulher que é quem vai melhor compreender os desejos contra “o homem da terra que não tem pena de quem ama”. Se a postura de Benedicta Prado era a da resignação, tristeza e introspecção, Toledo demonstra outra atitude, a de enfrentamento. Não é o que há de mais comum na produção poética das intelectuais negras a qual tivemos acesso através dos jornais. Mas, há de se considerar que são homens os redatores, editores e revisores destes periódicos. Quantos poemas foram enviados, com o mesmo tom combativo de Josephina, ou até mais forte, e tiveram sua publicação negada? Não há como saber. De todo modo isso só reforça a coragem de Toledo em divulgar suas letras a quem a compreende, explicando seu sucesso.

Este "punhado de versos" divulgados por meio do principal canal de comunicação e organização do movimento negro nas três primeiras décadas dos anos 1900, pareceu "traduzir seu grande sentimento". Se a potência dos artigos e editoriais da Imprensa Negra está progressivamente ganhando corpo na historiografia sobre os descendentes da diáspora africana na São Paulo pós-abolição, a literatura nela propalada ainda carece de maior destaque. Por meio da análise da prosa e da poesia é possível encorpar os sentidos dos diversos aspectos do discurso dos e das intelectuais afropaulistas. Ademais, há algumas particularidades do texto literário que permitem atingir certas ideias que, em um texto argumentativo, nem sempre é possível.

Outras, ainda, fizeram da sua dupla condição de exploração, a de mulher negra no Brasil, o motor para uma interessantíssima produção literária. Apropriando-se de um veículo de divulgação dominado sobretudo por homens fizeram emergir uma luz lancinante das pequenas brechas que encontraram. Suas poesias contêm reflexões sobre seu tempo, com as questões pertinentes ao movimento negro. Mais ainda, refletem as especificidades da experiência da mulher negra em São Paulo, naqueles anos passados.

Esta é a importância de se debruçar sobre as peças literárias encontradas na Imprensa Negra. Não teríamos acesso, por exemplo, ao pensamento, aos sentimentos e à voz da mulher negra neste período, silenciada ou moldada

segundo os parâmetros masculinos. Não teríamos, enfim, uma percepção mais ampla da história de luta destas intelectuais negras de inícios do século passado.

Bibliografia

ALBERTO, Paulina. *Terms of Inclusion: Black Intellectuals in Twentieth-Century Brazil*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2011.

ALBUQUERQUE, Wlamyra. *O Jogo da Dissimulação: Abolição e cidadania negra no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ANDREWS, George Reid. *Negros e Brancos em São Paulo (1888-1988)*. Bauru/SP, Edusc, 1998.

_____. *América Afro-Latina*. São Carlos: Edufscar, 2007.

BASTIDE, Roger. A imprensa negra do Estado de São Paulo. *Boletim da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. Sociologia*. São Paulo, vol. CXXI, no. 2, 1951, pp. 50-78.

_____. *Estudos Afro-Brasileiros*. São Paulo: Perspectiva, 1983.

BASTOS, Rafael. Le Batutas, 1922: uma antropologia da noite parisiense. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 20, n. 58, São Paulo, junho de 2005, pp. 177-196.

_____. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 20, n. 58, São Paulo, junho de 2005, pp. 177-196.

BARBOSA, Márcio (org.). *Frente Negra Brasileira: depoimentos*. São Paulo: Quilombhoje, 1998.

BERND, Zilé. *Introdução à Literatura Negra*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. 50a edição. São Paulo: Cultrix, 2015.

BUTLER, Kim D. *Freedoms given, freedoms won: afro-brazilians in post-abolition, São Paulo and Salvador*. New Brunswick, NJ: Rutgers University Press, 1998.

CAMARGO, Oswaldo. *O Negro Escrito*, São Paulo: Imprensa Oficial, 1987.

CARVALHO, Gilmar Luiz de. A Imprensa Negra Paulista entre 1915-1937: características, mudanças e permanências. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas/USP, 2009.

CHALHOUB, Sidney. Machado de Assis, Historiador. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

CRUZ, Heloísa de Faria e PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na Oficina do Historiador: conversas sobre história e imprensa. In: Projeto História. São Paulo, n.35, p. 253-270, dez. 2007.

CUTI (org). ...E disse o velho militante José Correia Leite: depoimentos e artigos. Organização e textos de Cuti. São Paulo, Secretaria Municipal de Cultura, 1992.

_____. Literatura Negro-Brasileira. São Paulo: Selo Negro, 2010.

DOMINGUES, Petrônio José. A Crisálida do Teatro Negro no Brasil. In: Revista Palmares. Brasília, v.3, 2006, p.52-53.

_____. A nova abolição. São Paulo: Selo Negro, 2008.

_____. Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos. In: Tempo. Niterói, nº 23, jul/2007, pp. 100-122.

_____. A insurgência de ébano. A história da Frente Negra Brasileira (1931-1937). Tese de Doutorado. São Paulo: Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas/USP, 2005.

_____. Fretenegrinas: notas de um capítulo da participação feminina na história da luta anti-racista no Brasil. in: Cadernos Pagu. Campinas, v. 28, janeiro-junho de 2007, pp.345-374.

_____. Lino Guedes: de filho de ex-escravo à 'elite de cor. in: Afro-Ásia, n. 41, 2010, pp. 133-166.

DOUXAMI, Christine. Teatro Negro: a realidade de um sonho sem sono. In: Afro-Ásia. Salvador, n. 25-26, 2001, p. 313-363.

FANON, Franz. Peles Negras, Máscaras Brancas. Salvador: EDUFBA, 2008.

FERNANDES, Florestan. A Integração do negro na sociedade de classes. (3a. ed.). São Paulo, Ática. 3V, 1978.

FERRARA, Mirian. A Imprensa Negra Paulista (1915-1963): um estudo monográfico. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas/USP, 1981.

_____. A Imprensa Negra (1915-1963). São Paulo, FFLCH/USP (Antropologia 13), 1986.

FRANCISCO, Flávio Thales Ribeiro. Fronteiras em Definição: identidades negras e imagens dos Estados Unidos e da África no jornal O Clarim da Alvorada (1924-1932). Dissertação de Mestrado. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/USP, 2010.

_____. O Novo Negro em Perspectiva Transnacional: Representações afro-americanas sobre o Brasil e a França no jornal Chicago Defender (1916-1940). Tese de Doutorado. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/USP, 2015.

GILROY, Paul. O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência. São Paulo: Editora 34, 2001.

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história. Trad. Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, pp. 143-179.

GOMES, Flávio dos Santos. Negros e política (1888-1937). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

GOMES, Thiago Melo. Um Espelho do Palco: identidades sociais e massificação da cultura no teatro de revista dos anos 1920. Campinas: Editora da Unicamp, 2004. v. 01.

GRAMSCI, Antonio. Os Intelectuais e a Organização da Cultura. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

HALL, Stuart. Da diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Ed. UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.

HERNANDEZ, Leila Leite. A África na Sala de Aula: visita à história contemporânea. São Paulo: Selo Negro, 4ª ed., 2008.

_____. Elites africanas, a circulação de ideias e o nacionalismo anticolonial. In: *África passado e presente: II encontro de estudos africanos da UFF*. Niterói: PPGHISTÓRIA-UFF, 2010. pp. 143-152.

_____. A Itinerância das ideias e o pensamento social africano. In: *Anos 90*, Porto Alegre, v. 21, n. 40, p. 195-225, dez. 2014.

HOOKS, Bell. Vivendo de amor in: WERNECK, Jurema et al. (org.). *O livro da saúde das mulheres negras*. Rio de Janeiro: Pallas; Criola, 2000. p. 188-198.

LUCA, Tania Regina. Fontes Impressas – História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla (org). *Fontes Históricas*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2008, pp. 111-154.

MELLO, Marina Pereira de Almeida. *O ressurgir das cinzas. Negros paulistas no pós-abolição: identidade e alteridade na imprensa negra paulistana (1915-1923)*. Dissertação de Mestrado, FFLCH/USP, 1999.

MOISÉS, Massaud. *A Criação Literária*. São Paulo: Melhoramentos, 1968.

MOTTA, Ubirajara Damaceno da. *Jornegro: um projeto de comunicação afro-brasileira*. São Bernardo do Campo: Instituto Metodista de Ensino Superior, 1986.

MOURA, Clóvis. “A Imprensa Negra em São Paulo”. In: *Sociologia do negro brasileiro*. São Paulo: Ática, 1988, p. 204-217.

PACHECO, Ana Cláudia Lemos. *Mulher negra: afetividade e solidão*. Salvador: ÉDUFBA, 2013.

PEREIRA, Edimilson. *Panorama da literatura afro-brasileira*. In *Callaloo*. V. 18. N. 4. John Hopkins University Press, 1995.

PINTO, Regina Pahim. *A Educação do Negro: uma revisão da bibliografia*. In: *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo, n. 67, ago/1987, pp.3-34.

_____. *O movimento negro em São Paulo: luta e identidade*. Tese de Doutorado. FFLCH/USP, 1993.

PROENÇA FILHO, Domício. *A trajetória do negro na literatura brasileira*. In: *Estudos Avançados*, São Paulo, vol. 18, n. 50, jan/abr de 2004, p.161-193.

REIS, Ruan Levy Andrade. Letras de fogo, barreiras de lenha: a produção intelectual negra paulista em movimento (1915-1931). Dissertação (Mestrado em História), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

SAID, Edward. Representações do Intelectual. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____. Cultura e Imperialismo. São Paulo: Companhia das letras, 2011(a).

_____. Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo. Companhia das Letras, 2011(b).

SCHWARCZ, Lilia. O Espetáculo das Raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930). São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SEIGEL, Micol. Uneven encounters: making race and nation in Brazil and The United States. Durham, NC: Duke University Press, 2009.

SEVCENKO, Nicolau. Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____. Literatura Como Missão: tensões sociais e criação cultural na primeira república. 4a ed. São Paulo: Brasiliense, 1999.

Ruan Levy Andrade Reis

Mestre em História Social pela Universidade de São Paulo – USP
